**Prólogo: O Caos Começa**

*“Apenas uma criança brincando de espada com os amigos, e nada mais.”*

Eu tinha cerca de 8 anos quando sonhava em ser um herói, um aventureiro que caça monstros e luta contra bandidos em estradas perigosas. Eu e meus amigos íamos para um bosque próximo da aldeia, onde podíamos encontrar, no máximo, alguns coelhos brancos e marrons saltitando. Alguns de nós fingíamos ser cavaleiros esqueleto ou carcaças sombrias, e então lutávamos uns contra os outros. Cada um defendendo o seu reino ou território. Eram tempos divertidos e puros.

Mas veja onde estou agora. Em uma taverna, enchendo a cara com esses caras cujos nomes nem sei. São momentos alegres que me tiram do estresse do dia a dia, mas até eu sei que isso é uma merda. Depois de um dia desgastante, venho aqui e gasto meu dinheiro com falsos amigos e pessoas desconhecidas. Uma vida desprezível, eu digo.

Trabalho em uma forja com um mestre armeiro. Eu gosto de criar espadas e preparar materiais para armaduras novas, mas consertar placas de metal que brutamontes vestem dizendo que é uma armadura, para depois voltarem reclamando que fiz um péssimo trabalho e, ainda por cima, fazer eu mesmo pagar pelo conserto, me faz repensar se eu não devia ter ficado na casa de meu pai ajudando nos campos.

Aqui é um lugar aconchegante. Entendo o porquê de vir para cá após o trabalho. Tem música boa, uma iluminação agradável e a melhor bebida da região. Já ouvi boatos de que a cerveja daqui tem um ingrediente secreto. Dizem ser um tipo de trigo especial que é plantado junto com o comum, fazendo com que as sementes germinem de uma forma diferente e cresçam mais rápido. Mas são só boatos. Eu penso que é tudo graças ao cuidado do plantio. Como meu pai dizia: “Uma semente bem cuidada traz alegria para os clientes e moedas para casa”. Sem perceber, um sorriso aparece no canto da boca.

A porta da taverna é escancarada e um homem magro, pálido e bastante preocupado entra, caindo logo após passar da entrada.

— Eles est-... eles estão chegando!! — ele diz, tentando recuperar o fôlego.

— Quem está chegando? — diz um homem alto e forte, enquanto olha para o homem estirado ao chão e beberica sua caneca.

— Os cavaleiros infernais!

— Não seja tolo. Os cavaleiros infernais não vêm para cá há anos. E eles teriam de passar pelos campos de Tenumbra para chegarem aqui. Seríamos avisados antes que conseguissem nos alcançar.

— Tenumbra está... em ruínas. — diz o homem caído, se esforçando para conseguir falar.

O homem forte bate sua caneca na mesa e se levanta. Com passos largos, vai em direção ao homem próximo à porta e o segura pela gola da camisa.

— Não brinque com isso, seu bastardo! Do que diabos está falando?!

— Eu vim de lá... não sei por que me deixaram escapar, mas me disseram para avisar que estavam chegando em Santa Calis...

— O quê?! Mas Santa Calis é uma cidade enorme e bem protegida. Mesmo se atacassem de surpresa, ainda teriam de ser muito fortes e bem preparados só para passar do primeiro muro. Por que raios pediram para você avisar que estavam vindo para cá?

— Eu... eu não sei! Mas eles eram muitos! Mais de 100 mil homens. E tinham um líder que parecia muito poderoso. Ele não vestia vermelho como os outros. Ele vestia preto e não usava sequer uma armadura forte. Apenas ombreiras e um peitoral que parecia fino. Ele montava um cavalo negro como a noite. Mesmo vindo na frente, eu demorei a vê-lo até que ficou sob a luz das lanternas. Chamavam ele de Senhor Cornéis...

— Cornéis... — diz o homem forte, reflexivo, soltando o mensageiro assustado.

Vários homens se levantam repentinamente e, pegando suas coisas, saem às pressas pela porta da taverna.

Eu não sabia o que estava acontecendo e nem quem era esse tal Cornéis, mas sabia que aquilo não era nada bom e que precisava sair dali. Estava prestes a alcançar a porta quando um grito desesperado ecoa do lado de fora. Logo após vem outro, seguido de barulhos de pessoas correndo e batidas fortes. A porta se abre me atirando para trás, fazendo-me cair sobre uma mesa.

Um homem completamente de vermelho, com uma armadura que tinha detalhes que aparentavam ser espinhos saindo dos ombros e do capacete, adentra olhando para todos os presentes. Soltando um som que parecia uma risada abafada, ele saca sua espada e balança na direção do mensageiro. O homem forte saca rapidamente uma adaga longa e o defende.

— Saiam daqui! — ele berra para todos.

Sem muita demora, todos estavam saindo pela porta. O cavaleiro de vermelho se vira para acertar aqueles que estão correndo, mas o homem joga seu corpo contra ele, fazendo-o cair para o lado.

— Seu oponente sou eu! — diz, avançando contra o cavaleiro caído.

Eu não tive muito tempo para ver se aquele bravo homem ganharia daquele demônio. Quando me dei por mim, estava correndo para fora, esbarrando em quem estivesse em minha frente. Até que tropeço em algo, e quando me viro para olhar, era uma mulher com o rosto deformado. Quase não consigo conter meu enjoo. Viro o rosto e me levanto, continuando a correr. Muitas pessoas desesperadas correndo e mais cavaleiros iguais àquele da taverna. Eles pareciam muito fortes e sedentos por sangue. Alguns gargalhavam enquanto incendiavam casas. Olhando ao longe, parecia que já haviam conseguido invadir o castelo, que também estava em chamas.

— Quando eles chegaram?! Como já fizeram tudo isso? Que o senhor nos proteja...

Enquanto me esgueirava por um beco em direção à saída da cidade, senti uma mão tocar meu ombro levemente. Instintivamente, virei e acertei uma cotovelada em quem quer que estivesse atrás de mim.

— Argh! Espera! Sou eu! O mensageiro da taberna...

Ele cobria o rosto um pouco abaixo do olho esquerdo, provavelmente onde eu o acertei. Ele não era muito mais baixo que eu, mas encolhido do jeito que estava, aparentava ser bem pequeno.

— Desculpa! Achei que fosse um daqueles monstros. O que está fazendo aqui?

— Eu estava te seguindo... Não sabia para onde ir.

Compreensível, já que todos saíram desesperados da taverna. Mesmo assim, por que ele escolheu me seguir? De qualquer forma, acho que ele pode ser útil.

— Tudo bem. Precisamos sair dessa cidade antes que nos encontrem.

— Mas o que faremos lá fora? Existem monstros por todo lado e animais selvagens que podem nos dilacerar!

— Não temos escolha. É sobreviver aos animais ou a esses demônios. Sinceramente, acho que consigo lidar com algumas feras. Agora, contra eles...

Ele parece refletir um pouco, e eu até pensei que fosse dizer que era uma má ideia. Mas, ao ouvir um enorme estrondo vindo de não muito longe, ele deu um pulo e começou a andar rapidamente na direção que eu estava indo.

— Você tem razão. É melhor irmos.

Nos aproximando do portão principal, não parecia haver nenhum dos cavaleiros. Apenas o rastro de destruição e sangue que eles deixaram. Poderíamos sair tranquilamente se não fosse pelo ressoar de cascos trotando pela estrada de tijolos cidade adentro. Um cavalo negro como a noite marchava pelo portão. Montado nele, um homem vestido da mesma cor do animal. Se não fosse pelo som dos cascos, imagino que teria avançado e não o teria notado até estar muito próximo.

— É ele... — disse o homem que me acompanhava.

Olhei para aquela expressão aterrorizada que ele esboçava e então voltei a olhar para aquele ser amedrontador. Ele olhava para todas as direções, movendo sua cabeça lentamente. Parecia deslumbrado com o que observava. Quando estava prestes a olhar em nossa direção, escondi-me e esperei. Voltei a espiar novamente só quando ouvi o barulho dos cascos se afastarem. Notei que estava com a mão tremendo, então segurei meu pulso e avancei para fora da cidade em ruínas.

**Capítulo 1: O Muro Interior**

O eco dos cascos do cavalo negro ainda reverberava em meus ouvidos enquanto nos movíamos furtivamente pelas ruas devastadas. A cidade, uma vez vibrante, agora parecia um cemitério.

— Precisamos passar pelo muro interior — eu disse, quebrando o silêncio. — Os campos além dele são nossa melhor chance de encontrar abrigo e provisões.

O mensageiro assentiu, mas eu podia ver o medo em seus olhos.

A cidade de Santa Calis era dividida em sete muros, os quais separavam o povo em classes. O primeiro rei decidiu fazer dessa forma para dificultar a invasão de inimigos, ou pelo menos retardá-los para que a realeza, e aqueles que estavam nos muros mais internos, conseguissem escapar. Não sei se funcionou, já que, ao que parece, os tais cavaleiros infernais conseguiram invadir tão rapidamente.

As classes eram divididas para manter uma certa quantidade de trabalhadores em determinadas áreas, visto que você só podia trabalhar com a profissão que herdava de seus pais e dificilmente era permitido o relacionamento entre pessoas de classes diferentes. Os soldados eram os únicos que poderiam subir de cargo e alcançar uma classe melhor, contanto que se destacassem em guerra e conseguissem retornar dela, é claro. Ou por meio de indicações internas de pessoas importantes. Dessa forma poderia ser um guarda do castelo. Mas você poderia transitar por entre todos os muros contanto que fosse cidadão de Santa Calis.

A primeira classe, ou seja, a que estava bem ao centro da cidade, pertencia à realeza, obviamente. A segunda, que cercava a primeira, pertencia à igreja e ao parlamento. O terceiro abrigava parte do exército, como: os cavaleiros de elite, os guardas do castelo e soldados renomados. A quarta era para pintores e qualquer tipo de artista. A quinta era para o resto do exército. Seguida pela sexta que mantinha comerciantes independentes e trabalhadores de diversas áreas. Pessoas comuns no geral. Sendo essa a que ocupávamos. Essa classe é o máximo que estrangeiros e mendigos podem avançar. Por fim, a última classe, a que estamos indo em direção, é a que porta os campos, os agricultores, os animais e tudo que se possa cultivar para fazer alimentos.

— E se... eles já estiverem lá? — o mensageiro perguntou, a voz tremendo.

— Então teremos que lutar — respondi, tentando manter a calma. — Não temos outra escolha.

Aproximamo-nos do muro interior, uma estrutura imponente que separava a cidade dos campos de cultivo. O portão estava escancarado, sinais de luta por toda parte. Corpos espalhados pelo chão, as marcas de batalha recentes evidentes.

— Vamos rápido — eu disse, puxando o mensageiro pela manga. — Não podemos perder tempo.

Enquanto passávamos pelo portão, os sons de combate começaram a ecoar ao longe. Percebi figuras se movendo entre as fileiras de trigo alto, sombras sinistras que nos observavam.

— Fique perto — murmurei. — Precisamos chegar ao outro lado antes que nos vejam.

Seguimos pelo campo, usando as plantações como cobertura. O cheiro de terra e sangue enchia o ar. O medo era palpável, mas não podíamos parar.

De repente, um grito e uma gargalhada alta ressoou e um cavaleiro a cavalo começou a vir em nossa direção.

— Corra! — eu gritei, empurrando o mensageiro para frente.

Corríamos o mais rápido que podíamos, com o som de perseguição atrás de nós. Cada passo nos aproximava do último muro, a barreira final antes da floresta e da liberdade.

— Ei! Venha aqui, seu animal! — uma voz gritou atrás de nós.

Me virei para ver o que estava acontecendo e vi uma camponesa sob um poste de luz. Ela encarava um cavaleiro que virou o cavalo na direção dela e começou a avançar lentamente. Ele falou algumas palavras que não pude entender. Parecia outra língua.

A camponesa começou a correr para uma escuridão que a fez desaparecer de vista. O cavaleiro foi atrás.

— É melhor corrermos. — disse o mensageiro, puxando-me pelo braço. Eu podia ver a preocupação em seus olhos.

Enquanto corríamos, minha mente não parava de se perguntar: quem era aquela garota? E por que ela nos ajudou? A inquietação crescia dentro de mim, mas não havia tempo para refletir.

Depois de não muito tempo de corrida, conseguimos alcançar o último portão. A muralha que circundava toda a cidade era, sem dúvida, imponente. Ao atravessarmos a saída, senti um pequeno alívio, mas ainda não podíamos parar.

Podíamos ter corrido quilômetros, mas parecia ainda não ser suficiente. A sensação de que, assim que parássemos, eles nos alcançariam. Minhas pernas queimavam como brasas, meu peito doía, meu corpo estava exausto e minha respiração quase me deixava. Mesmo assim, não era o suficiente. Não! Ainda tínhamos que continuar. Não podíamos ser pegos. O sacrifício daquela desconhecida não poderia ter sido em vão. Eu não permitiria que fosse. Ainda me perguntava as razões para ela ter feito o que fez.

— Espere... — O mensageiro parou, sem forças, apoiado em uma árvore. Parecia que a árvore era a única coisa que o mantinha de pé. Ele deslizou até ficar sentado na grama, ofegante. — Não consigo mais continuar...

— Não podemos parar! Eles vão nos alcançar e... — Uma estranha sensação tomou conta do meu corpo. Tudo parecia embaçado. Uma tontura me pegou desprevenido e cambaleei, andando apenas alguns passos até não conseguir enxergar mais nada.

Despertei com um pedaço surrado de pano úmido na cabeça e uma dor quase insuportável na parte de trás do pescoço. Não conseguia sentir nenhum dos meus membros. Não podia me mover. Arregalei os olhos e tentei olhar em volta. Nos alcançaram? Eu estava muito inquieto. O que fizeram com meu companheiro?

— Ah, olha só. Você acordou. — Uma voz familiar. Ele estava comigo.

— O que houve? Não lembro de muita coisa... — Quase não pude ouvir minha própria voz. Nem parecia uma fala, mais como um chiado.

— Você parece péssimo. Acho que se esforçou muito. — Ele pôs a mão sobre a minha testa, aparentando preocupação.

Conseguia sentir o calor de uma fogueira próxima, mas não podia vê-la. Ele se afastou e então retornou com algumas folhas de aroma peculiar.

— Mastigue estas. — Ele pôs algumas em minha boca. — Serviriam melhor em um chá, mas não consegui encontrar nada em que pudesse ferver água... — Ele levantou-se e deu alguns passos, sentando-se ao meu lado. — De qualquer forma, nem temos água mesmo. — Ele sorriu. — Pelo menos você parece bem... na medida do possível.

Engoli as folhas que tinham um gosto similar a hortelã, com um toque de alecrim. — Obrigado..., mas o que... — Fui interrompido por um balançar de folhas logo atrás de nós.

— Mas o que! Será que eles... — Ele se levantou assustado, pegando um pedaço de pau que serviria de lenha mais tarde.

As folhas balançaram mais ferozmente e então pararam. Um silêncio se seguiu. Não podia ver muito, mas meu amigo parecia preocupado.

— Havia alguém nos observando... Tenho certeza. Mas por quê? — Ele relaxou um pouco, mas ainda estava alerta, pronto para atacar se alguém surgisse. — Ficarei de guarda a noite toda, não se preocupe. — Disse com confiança, um sorriso acolhedor no rosto.

Eu não queria deixar meu amigo guardar sozinho. Eu sabia que ele estava tão cansado quanto, ou até mais, do que eu. Foi uma noite péssima para qualquer um a pelo menos três quilômetros de distância daquela cidade. O medo tomava conta de qualquer um nessas condições. E o desespero... De repente, percebi que não sabia o nome daquele que me acompanhava até aqui.

— Eu acho que não sei seu nome... — Minha voz saiu tão fraca que nem mesmo eu pude ouvir.

— Como?

— Seu nome... — Ainda fraca, mas audível.

— Ah, sim.... Meu nome é Kalifh. Kalifh de Ilkan. — Ele sorriu novamente.

Kalifh de Ilkan... Eu realmente estava feliz por tê-lo ao meu lado. Não saberia dizer se teria conseguido me manter firme sem a companhia dele.

— Althen..., de Saibin. — Fiquei contente de conseguir pronunciar meu nome quase que normalmente.

— É um prazer, Althen. Você é um homem forte por ter aguentado tudo isso. Eu diria que você me salvou. Sou muito grato a você. — Kalifh olhou para baixo, como se estivesse repassando o que passamos nesse dia, e parecia, de certa forma, contente por algo.

Que homem tolo. Eu que precisei ser salvo. Não pude pensar muito até sentir estar perdendo a consciência novamente. Enquanto a escuridão tomava conta de mim, o som distante da floresta nos envolvia, e eu sabia que, com Kalifh ao meu lado, havia uma chance de sobrevivermos.